



**Local Conference Call
BANCO DO BRASIL – Nac.
Resultados do Quarto Trimestre de 2007
27 de fevereiro de 2008**

Operadora: Bom dia a todos. Iniciamos neste momento a teleconferência do Banco do Brasil para discussão do resultado do 4º trimestre de 2007. Todos os participantes estão conectados apenas como ouvintes e, mais tarde, será aberta a sessão de perguntas e respostas, quando serão dadas as instruções para participação.

Caso precise de ajuda de um operador durante a teleconferência, basta teclar “asterisco zero”. Cabe lembrar que esta conferência está sendo transmitida ao vivo pelo Portal BB, no endereço www.bb.com.br, *site* de Relações com Investidores, onde há, inclusive, a possibilidade de visualizar os *slides* e enviar perguntas que serão respondidas na sessão de perguntas e respostas ou posteriormente por e-mail.

Antes de prosseguir, gostaria de esclarecer que eventuais declarações que possam ser feitas durante esta teleconferência relativas às perspectivas dos negócios do Banco, projeções e metas operacionais e financeiras constituem-se em meras previsões baseadas nas expectativas da Administração em relação ao futuro do Banco. Estas expectativas são altamente dependentes das condições do mercado, do desempenho econômico geral do País, do setor e dos mercados internacionais, portanto estão sujeitas à mudanças.

Conosco, hoje, estão os senhores Aldo Luiz Mendes, Vice-Presidente de Finanças, Mercado de Capitais e Relações com Investidores, Nilson Martiniano Moreira, Diretor de Controladoria, Pedro Carlos de Mello, Contador Geral e Marco Geovanne Tobias da Silva, Gerente de Relações com Investidores.

Inicialmente, o Sr. Aldo apresentará o resultado do 4º trimestre de 2007 em grandes linhas e, em seguida, o Sr. Geovanne apresentará detalhes desse resultado. Ao final, os executivos responderão às questões que forem formuladas.

Agora, passo a palavra ao Sr. Aldo Luiz Mendes. Por favor, Sr. Aldo, pode prosseguir.

Sr. Aldo Luiz Mendes: Bom dia a todos, obrigado. Agradeço a presença de todos na nossa teleconferência do resultado do Banco do Brasil no exercício de 2007. Como é de costume nessa teleconferência, nós vamos fazer uma breve apresentação dos destaques do resultado e, em seguida, teremos satisfação em responder as perguntas que vocês desejem fazer. O Geovanne vai discorrer sobre os slides daqui a pouco, mas antes eu queria destacar, em grandes linhas, alguns aspectos do desempenho do Banco do Brasil.

Em 2007, nós registramos um lucro de 5.058 bilhões, sem os efeitos extraordinários, esse lucro teria sido 5.7 bilhões, e teríamos dado um retorno de 25,5% sobre o patrimônio, absolutamente em linha com aquilo que a gente vem sinalizando para os nossos investidores e acionistas. No quarto trimestre o resultado foi de R\$ 1.2

bilhão, nós encerramos o ano com mais de 160 bilhões na carteira de crédito do Banco, e com destaque o crédito a pessoa física, micro e pequena empresa, as quais registraram, respectivamente, crescimento de 33,4 e 34,4% em 2007. Eu gostaria de lembrar aqui que uma das linhas que cresceu menos foi a linha do crédito rural, cresceu apenas 15%, muito devido a um efeito que eu chamo de “calendário”, houve uma postergação no início de contratação dos empréstimos, houve uma postergação no início da safra, digamos assim, e isso empurrou para frente o desembolso do Banco do Brasil fazendo com que essas linhas crescesse um pouco menos, eu chamo isso de efeito “calendário”.

Do lado das pessoas físicas nós atingimos 18,5% de participação no mercado de crédito consignado, com saldo de praticamente 12 bilhões, R\$ 11.9 bilhões, mais precisamente, no final do ano, e um crescimento de 43,3%.

Nos financiamentos para aquisição de veículos, negócio que nós entramos recentemente, para o qual temos planos que nos levarão a conquistar mais espaço no mercado, nós chegamos a R\$ 2,9 bilhões, a meta do BB para esse ano é dobrar essa carteira, atingindo R\$ 6 bilhões ao final de 2008.

Outra importante marca que foi conquistada pelo nosso negócio de cartões, foi o faturamento. O faturamento e a base de cartões cresceram 30.1 e 23.3%, respectivamente, em 2007. Assim, rumo aos 200 anos que nós comemoramos em 2008, estamos fortemente comprometidos com estratégias que garantam a continuidade sustentável dos nossos negócios, como o lançamento de produtos de crédito; cartões de seguridade específicos para os públicos diferenciados; a ampliação das operações com o setor público e os seus servidores; o crescimento dos negócios com clientes não correntistas por meio de parcerias com grandes empresas; a expansão da presença da atuação do Banco no exterior; a ampliação do crédito imobiliário; manutenção das lideranças e soluções inovadoras de auto-atendimento, e o reforço do compromisso sócio-ambiental da nossa empresa.

Eu convido, então, agora o Geovanne, o nosso gerente de relações com investidores, para apresentar mais detalhes sobre o resultado. Por favor, Geovanne, pode prosseguir.

Sr. Marco Geovanne Tobias da Silva: Obrigado, Aldo. Bom dia a todos. Gostaria agora de passar diretamente para a lâmina 2, onde apresentamos a evolução do lucro do Banco do Brasil, e onde também podemos observar que, se desconsiderados os efeitos extraordinários em 2007 e em 2006, esse lucro, ele foi 56,8% maior, ou seja, em termos absolutos passamos de R\$ 3,7 bilhões em 2006, de lucro recorrente, para R\$ 5,7 bilhões em 2007. O retorno sobre o patrimônio líquido, conforme o Aldo já mencionou no seu discurso de abertura, foi de 25,5% no ano, atendendo as nossas estimativas de ter... apresentar o retorno sobre patrimônio líquido entre 23 a 27% para o período.

Eu gostaria de chamar a atenção aqui também para o resultado do quarto trimestre, o lucro líquido foi de 1.217 bilhão, recorrente, R\$ 1.217 bilhão, aliás, o lucro final, 10,8% menor do que o do terceiro trimestre, a gente discutirá melhor esse resultado lá na lâmina 4, mas eu gostaria, também, de chamar a atenção que, quando comparamos esse resultado com o mesmo período de 2006, esta aparente estabilidade do resultado trimestral, ele é justificado por um benefício fiscal maior

que tivemos no quarto trimestre de 2006, como os senhores bem lembram, até 2006 a política de pagamentos de dividendos e juros sobre capital próprio do Banco do Brasil era semestral, a partir de 2007 passamos a fazer este pagamento trimestral, e o resultado do quarto trimestre de 2006 ele traz, então, uma redução significativa no que nós chamamos de “taxa de imposto”, enquanto a taxa de imposto no quarto trimestre de 2006 foi da ordem de 14%, no quarto trimestre de 2007 essa mesma taxa foi da ordem de 26%, então, se nós olharmos o resultado do Banco do Brasil antes da tributação, nós observaremos que o resultado antes de tributos no quarto trimestre de 2006 era de R\$ 1.646 bilhão, e ele aumentou para R\$ 1.898 bilhão no quarto trimestre de 2007, um crescimento de 15,3%.

Passando para a lâmina 3, temos a comparação anual dos principais itens que contribuíram para a formação do lucro recorrente do Banco. Enquanto o resultado de 2006, ele foi positivamente influenciado por eventos extraordinários da ordem de R\$ 2,4 bilhões, com destaque para a ativação do crédito tributário, o resultado de 2007 ele foi impactado negativamente em R\$ 690 milhões decorrente, sobretudo, dos incentivos pagos no Plano de Afastamento Antecipado, chamado “PAA”, e também das despesas com o Plano de reestruturação da CASSI”.

Olhando agora o slide número 4, nós mostramos os principais itens que contribuíram para a formação do lucro recorrente do Banco do Brasil no quarto trimestre, quando comparado ao trimestre anterior, do terceiro trimestre de 2007, até chegarmos, então, a linha do lucro líquido. Do lado positivo, nós percebemos, primeiro: um ganho de R\$ 322 milhões na margem financeira, isso é um ponto muito positivo, e também um ganho de R\$ 92 milhões devido ao crescimento com as nossas receitas com tarifas, e R\$ 86 milhões de ganhos de outros eventos que também foram positivos no período. Já do lado negativo, nós tivemos um crescimento nas despesas administrativas, que nós discutiremos um pouco mais lá à frente, e também nas despesas com provisão. A diferença entre os dois lados trouxe, então, um decréscimo no lucro recorrente do período em torno de R\$ 121 milhões, que computadas as despesas extraordinárias, com a reestruturação do plano de saúde, administrado pela CASSI, e também com as despesas com o Plano de Afastamento Antecipado, levaram ao Banco a atingir um lucro líquido de R\$ 1.217 bilhão.

No slide 5, nós nos mostramos a evolução da margem financeira do Banco do Brasil, nós observamos um incremento das receitas com operações de crédito e a estabilidade das despesas financeiras, tanto na visão trimestral como na anual, além, é claro, de uma redução dos ganhos com títulos de valores mobiliários decorrentes desse cenário de redução de taxas de juros na economia brasileira.

Passando para o slide 6, no gráfico à esquerda, notamos que, apesar de uma redução de 200 pontos base na taxa SELIC para o período, o spread do Banco do Brasil caiu apenas 64 pontos base, encerrando o período em 7,8%, mostrando claramente a resiliência do nosso spread em relação à queda nas taxas de juros da economia. Já o gráfico à direita do slide mostra a evolução do spread do crédito por carteira, observamos que a carteira de pessoa física continua sendo a mais atrativa em termos de spread, quando comparado com as demais, com o crescimento das operações de menor risco e menor taxa, como crédito consignado e veículos, e também devido à queda da taxa de juros nos últimos 12 meses, essa carteira vem operando em patamares inferiores ao registrado no mesmo período do ano anterior,

o spread médio da carteira de pessoas físicas caiu de 3,8% no quarto trimestre de 2006, para 26,6% no quarto trimestre de 2007.

No slide 7, nós podemos ver que a mudança no mix das aplicações do Banco do Brasil tem sido o principal fator para manutenção do nosso spread na casa de 7,8%. O gráfico de linha demonstra que a relação entre a taxa de captação do Banco e a SELIC tem se mantido estável, enquanto que a taxa de aplicação das operações do Banco em relação à SELIC, tem se comportado de maneira positiva, aumentamos a taxa de aplicação proporcionalmente a taxa de SELIC, de 129% para 133,8 %. Já no gráfico de barras, que traz a evolução da exposição líquida dos ativos do Banco do Brasil, tanto aqueles pós-fixados como pré-fixados, nós podemos perceber que a relação entre taxa de aplicação do Banco e a SELIC é explicado, então, por um aumento da exposição líquida ativa a ativos pré-fixados, exposição essa que hoje monta a R\$ 62,4 bilhões. Vale aqui destacar que essa nossa exposição líquida reflete claramente uma estratégia traçada no comitê de risco global, e a exposição líquida ante os pós-fixados que caiu de 43% em relação a nossa posição líquida em ativos no quarto trimestre de 2006 para 19,5% no quarto trimestre de 2007, ou seja, uma queda de mais de 2.3 mil pontos base em 12 meses, em contrapartida nós temos claramente como consequência do foco que o Banco tem dado no crescimento dos ativos de crédito, nossa posição líquida em ativos pré-fixados em relação à SELIC cresceu 108,7% no mesmo período, e isso aí saiu de 29,9 bilhões para 62,4 bilhões, conforme eu já mencionei, e tem nos ajudado a manter a estabilidade do nosso spread, apesar da queda observada na taxa média de SELIC.

Isso nos leva, então, ao slide número 8, onde nós podemos ver que a nossa carteira de crédito alcançou saldo de R\$ 160,7 bilhões, um crescimento de 20,7% em relação a dezembro de 2006. No ano, o nosso desempenho, ele foi menor do que a indústria, devido a dois fatores principalmente: primeiro deles foi a redução no ritmo de crescimento da carteira de agronegócios e pelo decréscimo do saldo em reais das operações realizadas no exterior em função, basicamente, da valorização do real frente ao dólar. No trimestre o crescimento da carteira foi de 7%, com as operações com pessoas jurídicas apresentando um crescimento de 9,7% e saldo de R\$ 65,5 bilhões, em 12 meses o crescimento dessa carteira foi de 26,1% no ano, chegando a responder aí por 40,7% da carteira total de crédito do Banco do Brasil. Cabe aqui ressaltar que a maior parte da evolução do saldo da carteira de pessoas jurídicas se concentrou em operações destinadas a micro e pequenas empresas, cujo saldo cresceu 34,4% no ano. Outro destaque ficou também por conta da carteira de crédito a pessoas físicas que alcançou um saldo de R\$ 32 bilhões, crescendo 33,3% no ano e 8,35% no trimestre. A participação relativa no total da carteira dos empréstimos a pessoas físicas saiu de 18% em dezembro de 2006 para 19,9% em dezembro de 2007. Já as operações de agronegócios, com saldo de R\$ 51,9 bilhões, apresentaram crescimento de apenas 15% em 2007, sendo metade desse crescimento, praticamente, 7,1% aconteceu no quarto trimestre de 2007, é o chamado "efeito calendário" mencionado pelo Aldo, no ano essa carteira perdeu participação relativa em relação ao total da carteira de crédito do Banco, saindo de 33,8% em 2006 para 32,3% ao final de 2007.

Passando para o slide 9, nós temos aqui a abertura da carteira de pessoas físicas, sem dúvida aqui é o foco estratégico do Banco do Brasil, e essa carteira hoje já representa praticamente 20% do total de crédito no Banco. Os destaques dessa

carteira foram, sem dúvida alguma, o crédito consignado e o financiamento a veículos, e também as operações com cartão de crédito. O crédito consignado atingiu o saldo de R\$ 11,9 bilhões no final de 2007, um crescimento de 43,3% em 12 meses e 7,9% em relação a setembro de 2007. Só para vocês terem uma idéia, em termos de desembolso, o volume de crédito consignado alcançou cerca de R\$ 13 bilhões no ano, ou seja, uma média mensal de, aproximadamente, R\$ 1,1 bilhão de novos desembolsos na carteira. Com esse resultado o Banco do Brasil manteve a liderança no crédito consignado com 18,5% de participação no mercado, e eu gostaria de lembrar aqui que nós esperamos ultrapassar a marca de 20% de participação no mercado consignado até o final de 2008. Outro destaque na carteira de pessoas físicas, resultante também da estratégia adotada pelo Banco do Brasil recentemente, a evolução da carteira de financiamento a veículos, essa carteira tem, praticamente, vai completar 2 anos de existência, ela cresceu 227% em 12 meses, quando comparada a setembro, no trimestre, ela cresceu 31,5%, atingindo o saldo aí de quase R\$ 3 bilhões, sendo que mais de R\$ 730 milhões são oriundos de convênios firmados com concessionárias e revendas multimarcas, inclusive, a parceria com a Localiza. Em financiamento a veículos é importante lembrar que ultrapassamos em mais de 30% nossa meta, que era encerrar o ano com R\$ 2,2 bilhões, para 2008 nós esperamos atingir uma carteira de financiamento a veículos de, no mínimo, R\$ 6 bilhões. Além destas operações, também merece destaque a linha de financiamento com cartão de crédito que cresceu 39,5% em 12 meses, e quando comparado ao trimestre anterior, 17,8% de crescimento, atingindo um saldo de R\$ 4,3 bilhões ao final de 2007.

Vamos passar agora para o slide de número 10, com base nos números divulgados pelo Banco Central, nós buscamos aqui comparar o risco de crédito nas operações de crédito do Banco do Brasil com o sistema financeiro, é possível observar no gráfico de linha que o risco médio da carteira de crédito do Banco permanece estável em 5,4%, em relação às provisões para risco de crédito, nós podemos ver, no gráfico de barras abaixo, que o Banco possui hoje uma cobertura de 204,5% em provisões, quando comparadas às suas operações vencidas a mais de 90 dias, enquanto que a média da indústria nesse índice fica em torno de 169%. Vale apontar aqui que, nesse indicador, nós não estamos considerando as provisões adicionais que nós temos contabilizadas no balanço em torno de R\$ 1,5 bilhão, que elevaria esse índice de cobertura para 242%.

Passando agora para a próxima lâmina de número 11, nós podemos verificar aqui, no gráfico à esquerda, que as despesas de provisão no trimestre sobre o total da carteira chegaram a um patamar de 3,7%, patamar esse que está estável, esse cálculo em cima da carteira média dos últimos 12 meses, aqui é importante explicar que, como no quarto trimestre, há maior volume de contratação na carteira agrícola dado no início do plantio da safra, o chamado "efeito calendário", e dado o atual risco dessa carteira, o valor absoluto das despesas com provisão cresceu significativamente, saiu de R\$ 1.216 bilhão no terceiro trimestre de 2007 para R\$ 1.497 bilhão no quarto trimestre de 2007, conforme nós já tínhamos antecipado anteriormente. Ainda no slide 11 nós podemos ver no gráfico abaixo a estabilidade nos índices de operações vencidas sobre a carteira de crédito, as provisões constituídas, elas representam 6,4% da carteira de crédito total, enquanto que as operações vencidas a mais de 60 dias se mantiveram na faixa de 3,3% da carteira, isso quer dizer que nós cobrimos mais uma vez e meia as operações vencidas a

mais de 60 dias, com saldo de provisões que atualmente estão constituídas no balanço do Banco, na comparação quarto trimestre de 2006 e quarto trimestre de 2007, observa-se uma ligeira elevação dos índices de atraso da carteira de crédito, e com relação ao terceiro trimestre de 2007, observa-se uma ligeira melhora nos índices de atraso, decorrente, principalmente, do processo de prorrogação das dívidas rurais autorizadas pelo Banco Central, que ainda em curso ao final de 2007.

Na lâmina 12, nós apresentamos o estoque de provisões que totalizaram aí R\$ 10,3 bilhões, provisões para créditos, decompostas aqui em provisões ativadas, requeridas pela norma 2682 do Conselho Monetário Nacional, essa provisão com base nessa norma é da ordem de R\$ 8,7 bilhões, além das provisões adicionais que eu mencionei anteriormente, é de cerca de R\$ 1,6 bilhão.

Passando agora para a lâmina 13, nós podemos verificar que as nossas captações continuam a crescer fortemente, com destaque para os depósitos em poupança e os depósitos à vista, ao final de 2007 nós registramos depósitos totais da ordem de R\$ 188,3 bilhões, um crescimento de 18,5% em relação a dezembro de 2006, somente no último trimestre crescemos 9,4% as nossas captações, os depósitos à vista, por sua vez, registraram o melhor desempenho, crescendo 28,1% em 12 meses, e 32,5% em relação a setembro, em função da maior liquidez na economia que nós geralmente temos no quarto trimestre com gratificação de natal, etc., por outro lado, os depósitos de poupança encerraram com um crescimento de 24,9% em 12 meses, e 4,6% no trimestre, os depósitos a prazo continuam respondendo pela maior parte das captações, mas, apresentando um crescimento menor do que os depósitos totais, ou seja, de 11,2% em 12 meses e de 2,2% no trimestre.

No slide 14, nós apresentamos as receitas com prestação de serviços, essas receitas, que totalizaram R\$ 2,6 bilhões no quarto trimestre de 2007 e R\$ 9,9 bilhões, ou seja, quase R\$ 10 bilhões em 12 meses, as receitas de prestação de serviços, elas cresceram 13%, as receitas trimestrais, no caso, elas cresceram 13,3% em relação ao quarto trimestre de 2006, e 3,7% quando comparada com o trimestre anterior. O desempenho no trimestre foi impulsionado, principalmente, pelo crescimento da base de cartões de crédito, vocês verão mais a frente, pelas novas contratações de produtos de previdência e seguridade, que são também típicas dessa época. No ano, o crescimento das receitas ficou um pouco abaixo das nossas estimativas, crescendo 11,4%, nós tínhamos uma expectativa de um crescimento próximo a 13%, isso porque o ano foi marcado pela compra de folha de pagamento com a liberação de cobrança de tarifas para reter clientes, em média aí 6 meses, e também devido à maior competitividade na administração de recursos de terceiros, que vocês também verão alguns números mais a frente, que levou o nosso portfólio de fundos a ter suas taxas ajustadas. Vale destacar ainda que no quarto trimestre deixamos de receber tarifa de serviço prestado ao INSS, cerca de R\$ 7 milhões/mês, e que as tarifas relacionadas à saques e depósitos migraram também para um outro item na demonstração de resultados, que é o item de outras receitas ou / despesas operacionais. As tarifas de clientes cresceram 11,9%, enquanto que a base de correntistas teve um incremento de apenas 6,7%, aqui é importante destacar que o comportamento das nossas receitas tem refletido movimentos adotados pelo Banco, a fim de crescer os seus negócios estratégicos como, por exemplo, o crédito consignado, cuja boa parte dos convênios já previam flexibilização na chamada "TAC" - Taxa de Abertura de Crédito - e também o

faturamento em cartões, que impôs a necessidade de restringirmos nossas receitas com anuidade, devido a competitividade do setor. Também é importante frisar aqui que as nossas futuras receitas de serviços deverão sofrer os impactos das novas regulamentações, e a nossa expectativa de crescimento das tarifas para o ano de 2008 está na faixa dos 8%.

Passando agora para o slide 15, nós vemos a evolução do nosso negócio de administração de recursos de terceiros e da nossa base de clientes. Ao final de 2007 nós alcançamos R\$ 220 bilhões em recursos administrados, mantendo a liderança na América Latina com 18,3% de participação no mercado, o crescimento do volume de recursos administrados em 12 meses foi da ordem de 20,5% e de 3,4% no quarto trimestre, notem que a nossa participação no mercado caiu quando comparado a dezembro de 2006, conforme eu tinha mencionado anteriormente, em função da maior competitividade nesse setor. No gráfico à direita, vemos a evolução da nossa base de clientes, que somam 1,6 milhão de novos correntistas em um ano, totalizando mais de 26 milhões de correntistas ao final de 2007, é importante lembrar que temos crescido organicamente a nossa carteira de clientes, e que se ampliarmos o conceito para os consumidores bancários, nós somaríamos a esta base de 26 milhões de correntistas, 7,2 milhões de poupadores não-correntistas, 2,6 milhões de beneficiários que o INSS não-correntistas, que recebem os seus proventos pelo Banco, além de 3,3 milhões de clientes não-correntistas, consumidores de outros produtos, com isso, nós chegamos a um total de 39,1 milhões de clientes consumidores bancários no Banco do Brasil, a maior base entre os bancos brasileiros.

Na lâmina 16, podemos ver o valor agregado dos nossos negócios de seguridade, valores que alcançou R\$ 1,2 bilhão em 2007, uma evolução de 6,8% em relação a 2006.

Na lâmina 17, nós também podemos ver aí a contribuição dos negócios com cartões, aqui temos o valor destes negócios que apresentou um crescimento de 14,9% no ano, somando R\$ 2,3 bilhões em dezembro de 2007, quando, fazendo essa comparação trimestral, percebemos que o valor agregado com cartões abrigou receitas para o Banco do Brasil em 20,2%.

Nos slide 18, nós podemos verificar o incremento, que o incremento do valor agregado de cartões tem ligação direta com a forte expansão da base de cartões do Banco do Brasil e também devido ao crescimento no faturamento com esses cartões, de dezembro de 2006 a dezembro de 2007 chegamos a 69,1 milhões de cartões emitidos de plástico, ou seja, um crescimento de 22,5%, e aqui é o conceito que são de cartões ativados, atingindo... sendo que 20,2 milhões são cartões de crédito e 48,9 milhões cartões de débito. No ano foram emitidos 12,7 milhões de novos plásticos, sendo 6,1 milhões de crédito e 6,6 milhões de débito. Em relação aos faturamentos de cartões de crédito e de débito, nós também apresentamos uma evolução significativa, crescendo aí quase que 32% no faturamento em 12 meses.

Nós gostaríamos agora de discutir na próxima lâmina as nossas despesas administrativas que, sem dúvida alguma, foi um ponto negativo quando vemos apenas a visão do quarto trimestre de 2007, se bem que em 12 meses o desempenho foi bastante favorável, o crescimento aí de apenas 3,3% nessas

despesas, abaixo da inflação, enquanto que na visão trimestral o crescimento foi da ordem de 10%.

Nos próximos slides nós explicaremos os eventos que levaram ao crescimento das despesas administrativas no quarto trimestre. Bem... olhando a lâmina 20, do lado das despesas de pessoal, nós fazemos aqui uma análise da variação entre o terceiro e o quarto trimestre, assim o aumento de 10% nessas despesas, ou seja, um crescimento de R\$ 177,4 milhões a mais de despesas de pessoal no quarto trimestre de 2007, ele pode ser explicado da seguinte maneira: eu tenho um aumento de R\$ 82 milhões nessas despesas decorrentes do acordo salarial que foi fechado para o sistema bancário para os funcionários de banco, o acordo 2007/2008. Além disso, nós somamos aí também mais R\$ 53 milhões devido a um incremento de dois pontos percentuais na alíquota do chamado "seguro acidente de trabalho" que faz parte das contribuições feitas ao INSS, isso é, R\$ 53 milhões foi o impacto devido a esse ajuste na alíquota, e no quarto trimestre nós contabilizamos cerca de R\$ 26,5 milhões relativos ao aumento de alíquota do terceiro trimestre e, também, a diferença seria o que, efetivamente, pertence ao quarto trimestre. E também houve um aumento aí de R\$ 61,3 milhões, devido à recomposição do quadro médio de pessoal do BB, com o crescimento do quadro médio em torno de 2,8 mil funcionários, que foram sendo recontratados ao longo do quarto trimestre para recompor a grande quantidade funcionários, cerca de 7 mil, que deixaram a empresa em junho de 2007, em função do Programa de Afastamento Antecipado. Vale frisar aí que a metade do montante relativo ao aumento da despesa com seguro acidente de trabalho, refere-se ao terceiro trimestre, que foi somente contabilizado no quarto trimestre, então, é importante fazer esse ajuste para avaliar, de fato, o crescimento destas despesas e o que, efetivamente, será recorrente.

Em termos absolutos, passando agora para a lâmina 21, nós vemos aqui que o incremento no quarto tri, e outras despesas administrativas, foi de R\$ 157,2 milhões, sendo que desse, 72 milhões, embora não extraordinários, podem ser classificados como despesas não estruturais, o que significa isso? Essas despesas elas são formadas, principalmente, contratação de mão-de-obra temporária para absorção de trabalhos relativos à aquisição de folha de pagamento de Bahia e Minas Gerais, no total de R\$ 21 milhões, importante lembrar que nós tivemos uma saída grande de funcionários no final do segundo trimestre, e nós tivemos uma atuação agressiva de aquisição de folhas e de conquista de folhas de pagamento dos governos de Minas e Bahia, e nós tínhamos déficit de pessoal, precisamos, então, contratar trabalhadores temporários para nos ajudar, não só nisso mas, também, em todo o processo de renegociação das dívidas rurais. Além disso, nós tivemos aí cerca de R\$ 19 bilhões por conta... R\$ 19 milhões, perdão, por conta de despesas com publicidade, destes 19... 10 milhões, especificamente, foi a campanha que nós fizemos no quarto trimestre para promover a oferta do Banco do Brasil e 9 milhões foi o início da celebração dos 200 anos do Banco do Brasil, também fizemos uma campanha de marketing específica, dando o pontapé inicial nas celebrações dos 200 anos.

E, por último, eu chamaria a atenção, eu tenho cerca de R\$ 32 milhões, que nós estamos chamando de "contribuições filantrópicas", mas, na realidade, trata-se de R\$ 24 milhões que foram repassadas a Fundação Banco do Brasil anualmente, geralmente no quarto trimestre, o Banco do Brasil repassa uma parte de recursos

para a Fundação, para financiar os seus projetos, e R\$ 8 milhões, aí sim, foram doados, dentro do aspecto de filantropia, ao Fundo de Direito a Criança e ao Adolescente, trazendo aí todos os benefícios fiscais decorrentes dessa doação. Assim, desconsiderando os R\$ 72 milhões referentes a estas despesas, ao invés de um aumento de 10% no trimestre... ou despesas administrativas, nós teríamos verificado um incremento de 5,4% nessa linha, e esse aumento de 5,4%, esse sim, estrutural, decorre, principalmente, dos reajustes contratuais de serviço de terceiros, vigilância, numerários concentrados no trimestre e, também, devido ao crescimento da própria atividade do Banco, da estrutura do Banco do Brasil, uma vez que a nossa estratégia de crescimento é, eminentemente, orgânica, que demanda investimento em infra-estrutura.

Passando agora para o slide 22, vemos que as receitas de prestação de serviços em relação às despesas de pessoal apresenta um comportamento atípico, em função de fatores extraordinários, aqui é importante verificar que o índice de cobertura das despesas de pessoal pelas receitas de tarifas, mesma coincidência das despesas decorrentes do PAA, foi mais do que suficiente para cobrir todas as despesas de pessoal, ficando acima de 100%. Além disso, se nós desconsiderássemos as despesas com o plano, nós veríamos que o nível de cobertura teria sido 230 pontos base acima do verificado no primeiro trimestre deste seja, em torno de 127,7%.

No slide 23, nós podemos ver que as despesas administrativas em relação às receitas operacionais, o chamado “índice de eficiência”, também sofreu impacto do PAA – Programa de Afastamento Antecipado – porém, vale destacar, que caso essas receitas fossem desconsideradas para podermos olhar o que seria a eficiência recorrente do Banco do Brasil, nós mantivemos um desempenho bastante favorável desse índice, e o nosso índice de eficiência no quarto trimestre seria da ordem de 46,9%.

Passando agora para o slide 24, podemos ver aqui a evolução do nosso índice de Basiléia, que encerrou 2007 em 15,6%, o que nos garante aí uma margem de alavancagem da ordem de R\$ 93,6 bilhões, plenamente em linha com os objetivos do Banco do Brasil em promover o crescimento da sua carteira de crédito, que nós estimamos que, para o ano como um todo, ela fique na faixa entre 25 a 30%, nós estamos... teremos capacidade de entregar isso, tendo em vista que nós esperamos uma desaceleração, principalmente, na carteira do agronegócio, que foi que puxou o crescimento, a média da carteira total, abaixo da meta estabelecida no ano passado.

Para encerrar, nós gostaríamos de discutir com vocês, no slide 25, o que nós estamos olhando em termos de guidance para 2008 e fazendo aqui uma prestação de contas do guidance que foi colocado para 2007. Para margens financeiras sobre ativos rentáveis estimamos a manutenção do nosso... nós tínhamos estimado em 2007 permanecer próximo de 8% e finalizamos o ano que com 7,8%, ou seja, muito, praticamente, em linha com o nosso guidance. Para 2008 acreditamos que esse índice vai continuar na faixa agora entre 7,5 e 8%, a depender do crescimento das linhas de menor spread. A expectativa para provisões de crédito, elas se concretizaram em 2007, ficando aí na casa dos 3,7% sobre a carteira, nós tínhamos dado um guidance de ficar entre 3,7 e 4% na carteira média para 2008, nós esperamos também repetir esse desempenho.

Olhando agora em relação às receitas com tarifas, com serviços, ficamos próximo ao estimado, sofrendo os impactos, eu já mencionei no slide 13, primordialmente relacionado a flexibilização por conta do acirramento da competitividade do setor, para 2008 tinha um dado, um novo cenário o relatório, nós esperamos aí ficar com um crescimento médio de tarifas da ordem de 8%. Em relação às despesas administrativas, elas vieram abaixo das nossas estimativas, eu volto aqui a enfatizar os nossos guidances são anuais, e elas ficaram em linha em 3,3%, sendo que nossa estimativa era em linha com a inflação, ela já está trazendo aí alguns ganhos obtidos com o Programa de Afastamento Antecipado, isso daqui é as despesas administrativas realocadas. Em 2008, para sustentar o crescimento de negócio, nós estimamos que nossas despesas cresçam entre 7 e 10%. É importante fazer um parêntese aqui porque como o Banco do Brasil adota uma estratégia de crescimento orgânico e no ano passado, por exemplo, é uma das justificativas do crescimento de despesas estruturais, nós criamos estruturas específicas para cuidar de novos negócios, como a área de veículos, a área de financiamento imobiliário e a própria diretoria de cartões, e quando você cresce estrutura, você já tem um impacto inicial de despesas administrativas, devido à criação dessa estrutura, e o resultado e o retorno desse negócio se dará ao longo do tempo, as receitas serão diferidas ao longo do tempo. É diferente quando você faz uma aquisição, na aquisição você já tem um impacto de despesas que será amortizada ao longo do tempo, enquanto que a receita, ela já entra logo no início, em função de você já adquirir um negócio que existe, que já está em operação.

Em relação a retorno sobre o patrimônio líquido, o nosso guidance era entre 23 a 27%, ficamos em linha com o nosso guidance, e acreditamos que, para 2008, temos condição de repetir essa performance. Em relação a crédito, nós obtivemos um desempenho aquém do estimado, nossa meta era entre 25 a 30%, o crescimento da carteira como um todo, em função, principalmente, do impacto da valorização do real, o saldo da carteira de empréstimos locadas e no exterior e também com o crescimento da carteira do agronegócio, que foi de 15% no ano, e a estimativa que tínhamos dado era de 20% de crescimento nessa carteira.

Em operações com pessoas físicas, ficamos próximo a nossa expectativa, nossa meta era entre 35 a 40, finalizamos o ano com 33,3%, e em relação a pessoas jurídicas, nós ficamos dentro da expectativa, que era entre 25 e 30, finalizamos em 26,1%. Para 2008, esperamos crescer a carteira total em torno de 25, sendo pessoa física entre 30 e 35%, e pessoa jurídica entre 25 e 30%. Do lado das captações nós crescemos 18,5%, atendendo às nossas estimativas, em 2008 nós esperamos repetir esse feito, crescendo depósitos totais entre 15 a 20%.

E por último, para encerrar, nós gostaríamos de destacar aqui o desempenho excelente no segmento de cartões de crédito, a nossa meta era encerrar o ano com 16,5 milhões de cartões de crédito, e encerramos com 20,2 milhões em 2007. Para 2008 a meta, na celebração dos 200 anos, é ultrapassar 25 milhões de cartões de crédito.

Bem, essas eram as considerações sobre o detalhamento dos resultados, e gostaríamos agora de abrir a sessão para perguntas e respostas.

Sessão de Perguntas e Respostas

Operadora: Obrigada. Com licença, iniciaremos agora a sessão de perguntas e respostas. Para entrar na lista de perguntas, por favor, digitem asterisco um (*1). Para retirar a sua pergunta da lista digitem asterisco dois (*2). Com licença, nossa primeira pergunta vem do Sr. Jorg Friedman do UBS Pactual.

Sr. Jorg Friedman: Eu gostaria de fazer duas perguntas, a primeira referente...

Sr. Marco Geovanne Tobias da Silva: Jorg, você pode falar mais alto, eu não estou ouvindo a sua pergunta. É o Geovanne que está falando.

Sr. Jorg: Melhorou agora, Geovanne?

Sr. Geovanne: Agora ficou bom.

Sr. Jorg: Tá bom. Então, eu gostaria de fazer duas perguntas, por favor. A primeira referente às despesas, a gente reparou que, realmente, esse trimestre foi um trimestre em que as despesas dos bancos grandes, de uma forma geral, vieram mais fortes, preparando acho que até o terreno para um crescimento maior dos negócios, como você mesmo mencionou, agora no próximo ano de 2008. Por outro lado, vocês continuam com um superávit bastante robusto na Previ, e algumas das despesas que cada vez oneram...

Sr. Geovanne: Jorg, caiu à linha, alô? Nós que fomos desconectados ou... Alô, Jorg, você está aí?

Sr. Jorg: Estou aqui.

Sr. Geovanne: Deu um corte, se você puder... você parou ali no superávit da Previ.

Sr. Jorg: Isso, então, eu gostaria de saber se existiria a possibilidade, com esse superávit da Previ de, eventualmente, vocês estarem cogitando a hipótese de utilizar esse superávit para cobrir algumas despesas relativas aos fundos de pensão que ainda são onerados pelo Banco, ou no caso de despesas também da CASSI? Essa é a primeira pergunta. A segunda pergunta se refere às receitas de equalização, nesses dois trimestres que sucederam a nova renegociação com o Tesouro, vocês já receberam, em equalização, cerca de R\$ 700 milhões, 378 no primeiro tri e 301 no segundo tri, depois da renegociação, o guidance inicial era de uma equalização para o ano safra de R\$ 900 milhões a R\$ 1 bilhão, então a minha pergunta é se esse guidance está mantido, e com isso a gente pode esperar uma queda mais forte nessa receita de equalização dos próximos dois trimestres? Obrigado.

Sr. Aldo Luiz Mendes: Oi, Jorg, tudo bem? Obrigado pelas questões, aqui é o Aldo. Deixa eu comentar a sua primeira pergunta com relação à Previ e a possibilidade de utilização do superávit para minimizar as despesas do Banco, seja com previdência, seja com plano de assistência médica. Bom... em primeiro lugar, a gente tem sempre dito ao mercado que a legislação, ela é bastante restrita no que diz respeito à volta dos recursos do Fundo para o patrocinador. Existem duas formas muito claras prevista nas leis complementares 108/109, que diz que a gente pode ou reduzir a contribuição ou melhorar os benefícios utilizando os recursos do superávit, nós já

fizemos ambos, já reduzimos a zero a contribuição, houve algum ajuste de benefício, até porque tem que ser mantida a qualidade entre banco e empregados e/ou participantes do Fundo. Contudo, existem, sim, algumas possibilidades adicionais e nós estamos discutindo essas possibilidades adicionais com a Previ, com o Fundo de Pensão. Uma delas, como também eu tive a oportunidade de comentar no último encontro com o mercado, e talvez seja a mais adiantada em termos de negociação, é a gente usar parte do superávit, que nós temos junto ao Fundo, para amortizar despesas de previdenciárias, de antigos funcionários, que não são cobertas pelo Fundo e que são, estatutariamente, suportadas pelo Banco, e isso envolve uma negociação, a negociação está em curso, mas é uma possibilidade potencial, se essa negociação for levada a bom termo, sim, nós temos uma parte do nosso passivo que, eventualmente, poderia vir a ser suportado pelo superávit, algo em torno.. não me lembro exatamente a cifra mais é, pelo menos, R\$ 1. 6 bilhão. Com relação à caixa de assistência, a gente começou a desenvolver uma tese, ela é muito preliminar ainda e ela não foi colocada na mesa de negociação junto ao Fundo de Pensão, mas... e aí eu vou falar apenas conceitualmente, não existe nada de concreto com relação a isso, mas, vou apenas falar de forma conceitual ou hipotética, como existem aquelas obrigações chamadas "obrigações pós-emprego" e, de acordo com a instrução CVM 371, eu sou obrigado a fazer provisões em meu balanço para suportar obrigações pós-emprego, e uma destas obrigações pós-emprego, claramente, é o que o Banco tem que contribuir para o Fundo de Assistência Médica, mais especificamente para a CASSI, com relação ao funcionário aposentado, nós estamos pensando em trazer para a mesa de negociação a discussão de porque não suportar parte, pelo menos, dessa provisão com recursos também de superávit, mas isso, volto a dizer, é uma idéia nova, ainda muito verde, e que vai começar a entrar na negociação, na discussão, ela não está em discussão, potencialmente, hipoteticamente, existe essa hipótese, mas, eu ainda considero no plano virtual, ok?

Sr. Jorg: Tá ótimo, muito obrigado.

Sr. Geovanne: Em relação à sua segunda pergunta, Jorg, aqui é o Geovanne, é importante você... não é tão simples esse cálculo, realmente o guidance, o que foi fechado com o Tesouro Nacional de equalização em R\$ 1 bilhão para a safra 2007/2008, só que essa despesa que está sendo contabilizada, ela mistura ainda um pouco da equalização anterior, porque, não sei se você se lembra, você leva muito em consideração a média de desembolsos dos meses anteriores, então, o terceiro trimestre, ele traz ainda médias de desembolsos do segundo trimestre de 2007, que era da safra anterior. Então, a tendência, sem dúvida alguma, é de redução, a gente não espera um pico de receita de equalização, como nós tivemos no segundo trimestre de 2007, em que ela totalizou R\$ 441 milhões, a tendência é ter, sim, uma redução, em tese faltariam 400 milhões para nós obtermos esse teto, se você levar em consideração apenas o que foi contabilizado no terceiro trimestre e quarto trimestre, você poderia estar dividindo isso daí nos dois próximos trimestres, mas, como tem essa... como é que se diz, contaminação, não é tão linear essa divisão, então eu acho que você tem que esperar, sim, uma redução de receita de equalização para os próximos trimestres, mas, não necessariamente, dos 400 milhões.

Sr. Jorg: Ok, então. Obrigado.

Operadora: Com licença, nossa próxima pergunta vem do Sr. Luis Adaime do Credit Suisse.

Sr. Luis Adaime: Oi, bom dia a todos. A minha pergunta é mais.. bom, primeiramente, obrigado pela abertura e pelo disclosure excelente aqui na apresentação sobre as despesas, mas, um ponto que, talvez, eu esteja vendo errado, mas, que eu achei negativo, é a volatilidade destas linhas de despesa em relação, especialmente, aos outros bancos, aos bancos privados - Itaú, Bradesco e Unibanco - a minha pergunta é: há alguma restrição em relação ao provisionamento destas despesas que já são esperadas, que tem, aparentemente, uma sazonalidade mais forte no Banco do Brasil, essas despesas que já são esperadas para o final do ano, elas poderem ser para provisionadas durante o ano para evitar... para fazer um meio que um smoothing disso durante o ano, para evitar essa volatilidade toda na despesa? Ou realmente não é essa restrição e é só mais uma questão do Banco... às vezes eu achar que isso não tem tanta relevância estrategicamente, não sei, não é alguma restrição desse tipo?

Sr. Aldo: Oi, Adaime, aqui é Aldo, obrigado pela pergunta. Não existe nenhuma restrição, não existe absolutamente nenhuma restrição para fazer isso. Enfim, houve essa concentração, mas não foi nada proposital ou que tenha algum tipo de restrição para que a gente tenha... não pudesse ter feito antes, simplesmente aconteceu essa concentração e boa parte dela, talvez, não tenha sido prevista por nós, e por isso não fizemos.

Sr. Geovanne: E se eu puder adicionar, Adaime, é Geovanne falando, eu fiz até uma análise comparativa desde 2002, e geralmente o quarto trimestre, ele traz um pouco mais de despesa, sim, você geralmente... os bancos, como um todo, eles investem mais, principalmente, em despesas de marketing, eles aproveitam muito, dentro do seu orçamento, aquilo que ficou meio que reprivatizado ao longo do ano, muitas áreas começam a colocar em prática, já se preparando para o ano seguinte, e no caso do Banco do Brasil, realmente tem essa diferenciação, devido a nossa estratégia ser de crescimento orgânico, eu quando crio estruturas, eu... como é que se diz, já trago, logo de cara, aumento nas despesas, e essa estrutura demora um tempo um pouco maior para gerar as receitas, enquanto, quando você faz a aquisição, você contabiliza aquela aquisição, aquele ágio que você vai amortizar ao longo do tempo, e você já traz alguma coisa funcionando, gerando receita, então, você tem esse impacto menor, e você não prejudica as suas despesas administrativas. Talvez essa seja a razão pela qual os nossos concorrentes têm menos volatilidade, porque eles crescem, eminentemente, via aquisição, e não contabilizam o custo desta aquisição em despesas administrativas. Agora, é importante também lembrar que, no caso do Banco do Brasil, muitas destas despesas, elas acabam respondendo ao mercado como um todo, por exemplo, as despesas decorrentes de contratação de funcionários temporários, foi uma resposta a compra da FOPAG, de Minas e Bahia, principalmente, e isso é difícil você prever, "ah, eu vou comprar essa FOPAG lá em setembro, então, deixa eu já começar a fazer a provisão", eu tenho certeza, o meu contador está aí na sala aí em Brasília, e a gente está aqui em São Paulo, ele fala: "não tem nenhum fato gerador, enquanto estou negociando, não tem como eu já ir antecipando essa provisão", a não ser que eu esteja errado, Pedro, me corrija, por favor. Agora, o importante é dar esse

disclosure e dizer que, não dá para você pegar o nível de despesas do quarto trimestre e tentar projetar dizendo que a partir de agora é esse nível de despesas, vamos separar o joio do trigo, claro que, com o objetivo de avaliar resultado recorrente, uma vez que são vários itens, nós buscamos apartar aquilo, chamar de extraordinário aquilo que, realmente, foi grande - que foi as despesas com planos de aposentadoria e a reestruturação da CASSI, e também lá o trocado que a gente recebeu com a venda das participações de BM&F e Bovespa.

Sr. Aldo: Adaime, aqui é o Aldo, se eu puder agregar também, tem algumas despesas que são da operação e que a gente vinha jogando muito duro com os nossos fornecedores, seja suprimento de numerário, vigilância, segurança de imóvel, serviços terceirizados, a gente vinha jogando muito duro com esses fornecedores, muito duro mesmo, na hora de renovar os contratos. Só que essa corda a gente pôde esticar até um certo, chegou um determinado momento em que o reajuste... eles tiveram que repassar o reajuste, eles não poderiam mais continuar fornecendo serviços, senão repassar em certos custos que eles também tinham, então, houve uma coincidência de reajustes, exatamente, no quarto trimestre do ano passado, a gente, enfim, teve que concordar com certos reajustes que a gente vinha postergando ao longo do tempo, e isso acabou gerando esse efeito, coincidência de concentrar no quarto trimestre.

Sr. Geovanne: E é importante lembrar, Aldo, que a maior parte destes contratos, geralmente a cláusula de reajuste é IGP, e tinham, de ordem da diretoria, nenhum contrato seria renovado contemplando 100% do IGP, então, esse aperto, ele foi, de fato, feito durante os dois últimos anos, e só para lembrar, o IGP de 2007 foi, praticamente, quase que 8%, então, eu diria que até conseguimos a negociação bastante boa, tendo em consideração que essas despesas aí estruturais, se nós expurgarmos esses outros efeitos não estruturais, provocaria um aumento de outras despesas administrativas da ordem de 5%, abaixo do IGP.

Sr. Luis: Muito obrigado pelas respostas. Só mais uma questão, é que vocês mencionaram até no conference call que vocês faziam provisionamento no quarto trimestre, por exemplo, para JCP, depois vocês passaram a fazer o pagamento trimestral para... também, imagino eu, para eliminar essa volatilidade que vocês tinham na taxa efetiva de imposto. Por exemplo, essa despesa que vocês tiveram com a recomposição do quadro de pessoal, imagino que o processo de contratação seja mais... não sei se mais lento, mas engessado pela questão do concurso, etc. e tal, e que vocês têm uma visibilidade da entrada desse pessoal maior, vamos dizer, do que no banco privado, que imagino que o fluxo seja mais uniforme durante o ano. Esse tipo de despesa que já é esperado, não poderia ser provisionado durante o ano? Essa é mais a questão que eu estou... esse é mais o ponto do eu estou querendo esclarecer.

Sr. Aldo: Eu vou passar a sua pergunta para o Pedro, que é o contador, ele está lá em Brasília. Pedro, você está ouvindo bem aí?

Sr. Pedro Carlos de Mello: Sim, estou ouvindo. As despesas, em geral, elas têm que ser contabilizadas de acordo com a sua competência, então quando entra em vigor um novo contrato, você poderia provisionar, sim, se não ocorresse o pagamento por um determinado período, e aí você provisiona uma parcela dela

correspondente ao mês respectivo. Agora, despesas futuras que estão sendo previstas serem gastas, elas também têm que ser apropriadas segundo a competência, isso é, quando o serviço for prestado ele tem que ser contabilizado, como foi o caso das despesas com publicidade e, inclusive, o Banco Central não permite a diluição, se você fez o contrato, pagou e o serviço foi prestado, ela deve ser apropriada imediatamente, independentemente se ela vai trazer benefícios ao longo de um semestre ou um ano, por exemplo, então, sempre que é possível as despesas serem diluídas durante o ano, elas são, agora nesses casos em que ali ocorreram, não aconteceu.

Sr. Luis: Perfeito a resposta. Muito obrigado.

Sr. Geovanne: Antes de passar para a próxima pergunta, eu gostaria de responder rapidamente a três perguntas que chegaram por e-mail.

A primeira delas é do Francisco Leite Holanda Junior, que pergunta o crescimento da carteira de crédito na ordem de 7%, foi abaixo da média do sistema bancário, que foi de 8,7. Qual é a expectativa do banco para o crescimento de operações de crédito de 2008? Está respondido na última lâmina da apresentação.

O Celicio Junior pergunta, que avaliando os resultados apresentados no slide, podemos verificar a variação de 53 milhões no item seguro e acidente de trabalho, por conta da alteração da alíquota de 1 para 3%, o que a empresa pretende fazer para reduzir a alíquota, já que isso é perfeitamente possível? Bom... eu desconheço, não sei se o Pedro ou Nilson, nosso diretor de controladoria, tem alguma coisa a comentar, de que é possível reduzir porque isso é determinação ilegal.

Em relação à última pergunta, Alexandre Coelho, o guidance de 7 a 10% de crescimento de despesa, considera ou não alguma contribuição a Previ? Nós consideramos, a contribuição a Previ continua como sendo 0% ao longo de 2008, ou seja, não haverá contribuição para a Previ nesse guidance.

Sr. Nilson Martiniano Moreira: Geovanne?

Sr. Geovanne: Oi, pode falar.

Sr. Nilson: Nilson quem está falando, sobre a questão aí da alíquota de seguro e acidente de trabalho, isso é uma alíquota que afeta todo o sistema, todos os bancos, e os bancos, a nível de FEBRABAN, estão se organizando de forma a organizar ações que venham a mitigar esse problema, então é só para dizer que este trabalho está endereçado envolve todo o sistema e está sendo discutido, inclusive, pelo Banco, junto com os demais bancos lá a nível de FEBRABAN.

Sr. Geovanne: Ok, obrigado Nilson.

Operadora: Com licença, nossa próxima pergunta vem do Sr. Daniel Dorayeb da Spinelli Corretora.

Sr. Daniel Dorayeb: Oi, bom dia. Primeiro lugar, parabéns pela apresentação, eu tenho duas perguntas sobre estratégia. A primeira com relação a crédito, a gente

nota um crescimento aí substancial nas linhas de imobiliário e cartão de crédito, e veículos, eu gostaria de saber qual é a estratégia do Banco, principalmente, para a questão do crédito imobiliário, e também para o agronegócio, que cresceu menos do que o esperado, se no imobiliário, que ainda não representa uma participação significativa na carteira de crédito, se é intenção do Banco torná-lo representativo e em que prazo? A segunda pergunta seria com relação à questão dos dividendos, se existe uma data, e juro sobre capital próprio, se existe uma data para pagamento desses valores aos acionistas e, se possível, eu ainda teria uma terceira pergunta com relação a seguros, porque houve uma receita de seguros de 1,2 bi mas, pelo menos, eu não encontrei um detalhamento de quanto que esta linha de seguros acrescentou ao resultado do Banco porque, na verdade, cresceu 6.8%, eu gostaria de saber qual é a estratégia do Banco para a atuação em seguros de crescimento dessas receitas, uma vez que é um segmento que ainda tem muito potencial de expansão no Brasil?

Sr. Aldo: Obrigado, Daniel. Sobre crédito, de fato, a gente começou o imobiliário operando com recursos de conta própria, o ideal para a gente está trabalhando nesse mercado em igualdade de competição é a gente ter acesso às linhas do sistema financeiro da habitação, para isso é necessário que a nossa caderneta de poupança não seja exclusivamente uma caderneta de poupança rural, como ela é hoje, há uma negociação bastante avançada com o governo, e aí envolvendo o Ministério da Fazenda, envolvendo o Banco Central, para que isso seja possível. Estamos aguardando uma decisão final, uma sinalização final das autoridades com relação a isso. Com relação ao agronegócio, a gente acredita que o agronegócio, o ano que vem, cresce na faixa de 20%, mais do que os 15 verificado nesse ano, porque, como eu te falei, houve aquele represamento ali, ou três meses... o terceiro trimestre do ano passado, se gastou o terceiro trimestre discutindo as condições de renegociação de dívida, e enquanto essa discussão não estava concluída, não se desembolsou recurso, não se iniciou a safra, houve um atraso, o calendário foi atrasado em três meses, você percebe que no quarto trimestre, então, começa, de verdade, digamos assim, a safra, o plantio e os financiamentos, então a gente está dando um guidance de 20% de crescimento no agronegócio, um setor que tem perspectivas bastante positivas do ponto de vista de preço, do ponto de vista de demanda, esse boom do agronegócio é em função das commodities energéticas, é alguma coisa que já se tornou uma realidade e a gente tem apostado nisso. Com relação a dividendos, a nossa informação divulgada ao mercado ontem, é de que estaremos pagando dividendos, mais juros de capital próprio, que somarão algo pouco acima de 019... 0,19 ¢ por ação, no dia 5 de março próximo. E, por fim, com relação à estratégia para a área de seguros, de fato, nós temos uma estratégia um pouco... dando um pouco um passo atrás, a gente não consolida ainda as nossas operações de seguro no balanço do Banco do Brasil, a gente está estudando a possibilidade de fazê-lo, e ao fazermos isso, vai ficar mais claro o ganho que a gente tem com o setor, hoje você tem que olhar também o balanço das nossas coligadas participadas para entender a nossa atuação em seguros, mas, a estratégia é que a gente possa mudar um pouco todo o nosso universo aí de seguridade, onde a gente gostaria de ter uma operação de seguro de vida junto com operação de previdência, onde nós gostaríamos de ter mais produtos de seguros elementares, ramos elementares, na prateleira do banco comercial. Todo o trabalho para que isto aconteça está em curso, não é um trabalho muito rápido, porque nós temos uma quantidade grande de sócios, diferentes sócios na área de seguridade, então isso

envolve negociação com diferentes fatores, mas, essa negociação tem avançado e eu acredito que, ao longo de 2008, nós já poderemos ter feito alguns movimentos muito importantes como, por exemplo, juntar a área de seguro de vida e a previdência em um único guarda-chuva, digamos assim, e área de ramos elementares e automóveis em um outro guarda-chuva, e colocaremos foco, sem dúvida nenhuma, na área de ramos elementares, em função de alguns produtos que o Banco gostaria de ter na prateleira hoje e ainda não pode oferecer. E também nós temos também em curso um trabalho no Banco, do que a gente chama de “distribuição alternativa”, nós estamos buscando canais alternativos de distribuição, não só para distribuir os produtos bancários tradicionais, como também os produtos de seguridade. Então, assim que nós tivermos estabelecido esse canal alternativo de distribuição, os produtos da área de seguridade passarão a fluir também por esse novo canal. Isso são coisas que deverão acontecer ao longo de 2008.

Sr. Daniel: Ok. E só uma complementação, com relação ao crédito imobiliário, não sei se eu entendi direito, mas, ele não está representativo ainda hoje por uma questão do formato da poupança, é isso? Se puder detalhar um pouquinho mais qual é a estratégia com relação a esse segmento, se ele tende a ficar representativo dentro da carteira de crédito do Banco?

Sr. Aldo: Não, a estratégia, nós acreditamos que ele tende a ficar significativo não só no Banco, como de resto em todo o sistema financeiro nacional. A participação do crédito imobiliário no PIB no Brasil ainda é muito baixo, quando a gente compara com países próximos a nós, e nós acreditamos que esse pode ser um próximo “mundicrédito” aí no médio prazo, portanto, é absolutamente importante que o Banco esteja pronto e preparado para poder explorar esse segmento, mas para que isso seja possível nós precisamos mudar alguns aspectos de regulação, de regulamentação, um deles é, especificamente, com relação ao funding, o funding para o crédito imobiliário tem que ser o da poupança, é difícil hoje a gente ter uma operação em larga escala com recurso de conta própria, a gente tem essa operação, mas ela é em pequena escala, em larga escala eu preciso do recurso da poupança. Como hoje a regulamentação carimba minha poupança, exclusivamente, para o agronegócio, eu não posso direcioná-lo livremente para o imobiliário, é isso que está em negociação com as autoridades do país, no sentido de a gente ter a possibilidade de usar parte do nosso funding, ou um funding novo, adicional, para o crédito imobiliário.

Sr. Daniel: E vocês têm algum guidance para crescimento desse crédito ou está atrelado a essa negociação o guidance?

Sr. Aldo: Olha... a princípio, conservadoramente, a gente imagina que 1 bilhão ao longo de 2008, dependendo de quando a gente conseguir essa autorização, esse 1 bilhão pode ser maior.

Sr. Daniel: Ok, muito obrigado.

Operadora: Com licença, nossa próxima pergunta vem do Sr. João Luiz Braga da Credit Suisse.

Sr. João Luiz Braga: Olá pessoal, parabéns pelos resultados. Eu queria voltar o foco um pouco nas despesas, primeiro eu queria agradecer pelo slide onde vocês mostram a parte não recorrente das despesas... das outras despesas administrativas, mas, tem outras duas linhas de despesas que eu queria perguntar para vocês. Uma sobre o risco legal, e a outra é sobre as outras despesas e receitas operacionais, a primeira parte em relação a risco legal, eu queria entender um pouco mais sobre a questão de demandas cíveis, que cresceram 229% se comparado o quarto tri de 2007 com o mesmo quarto de 2006, inclusive se nessa linha existem alterações de plano econômico, que todos os bancos, inclusive, classificaram como não recorrente, então, eu gostaria de entender se tem alguma parte não recorrente também nessa linha de demanda cível, e enfim, e a outra das outras despesas e receitas operacionais a gente, na sequência, a gente volta a pergunta.

Sr. Geovanne: João, obrigado pela pergunta e pela participação. Sem dúvida alguma o Banco do Brasil ele fez ajustes de provisão para risco legal em função de plano econômico, mas, não demos o tratamento extraordinário, no quarto trimestre de 2007 nós tivemos cerca de R\$ 100 milhões de provisão para risco legal, em função do Plano Bresser, se eu não me engano, é o nome do plano econômico, que foi o que o pessoal fez, todo mundo. E por que que a gente não deu tratamento extraordinário? Porque risco legal é uma conta muito volátil, dependendo da instância em que é decidido, ela é primeira, ela é segunda ou, de repente, você tem que fazer uma provisão de 50%, de repente, você tem que zerar isso, então, fica difícil você chamar isso de extraordinário ou não, se houvesse alguma alteração de metodologia, que demandasse mais provisão, liberasse provisão, aí sim nós daríamos o tratamento de extraordinariedade, como faz parte do processo jurídico decisões em primeira, segunda e última instância, qualquer ajuste decorrente dessas decisões, nós sempre tratamos como parte do negócio, e claro que a gente só aparta isso de despesas administrativas para você entender melhor o que é despesa da operação em si, o que é despesa ligada a questões judiciais, trabalhista, que você tem que resolver depois.

Sr. João Luiz: Legal. Esses 100 milhões foi relativo ao Plano Bresser, então?

Sr. Geovanne: Então essa diferença que você viu, esse crescimento de 200 e tantos por cento, é por conta de R\$ 100 milhões já de planos econômicos que nós fizemos no quarto trimestre de 2007, que não tinha no quarto trimestre de 2006, então para efeito de comparação, sem dúvida alguma, essa despesa fica muito maior no 4T07 devido a essa provisão.

Sr. João Luiz: Só para entender, não tinha prazo para entrada com processos em relação a essa mudança de plano econômico e isso já venceu, ou seja, daqui para frente não haverá mais novas entradas de processo?

Sr. Aldo: Tinha uma data lá traz, de fato, João, mas, alguns demandantes têm conseguido, por alguns artifícios, ou efeitos legais, conseguir emplacar demandas posteriormente a isso, de fato, houve um aumento, houve uma grande entrada, uma grande onda de demandas, mas, enfim, você sabe que, muitas vezes essa questão dos tribunais, não existe uma linearidade, nem um comportamento uniforme, e essas ações entram nas mais variadas instâncias em todo o país, então, os juizes não dão tratamento 100% igual, rigorosíssimo, alguns juizes que são mais flexíveis e

permitiram entrada de algumas ações posteriormente aquele prazo lá de trás, mas, de fato, naquele prazo lá trás, me parece, no meio do ano, houve a grande enxurrada de demandas.

Sr. João Luiz: Perfeito, então, pelo menos, uma grande queda nesse número devo esperar, inclusive, deve ser por isso, inclusive, que os outros bancos classificaram como não recorrente?

Sr. Geovanne: É complicado João, essa linha é complicada você tentar estimar, sei lá, você tem um contingente aí, ficou preso na porta giratória entre uma ação, e aí estava em primeira instância e depois chegou em segunda instância e ganhou, e você tem que fazer já 50% de provisão da causa, a régua não é tão gradativa como é a regra de provisão para crédito.

Sr. Nilson: Geovanne, é Nilson aqui. Só tentando contribuir, aqueles planos econômicos, o Plano Bresser, ele venceu prazo nesse segundo semestre, então a gente teve um repique aí de ações por conta desse vencimento, existem ainda ações coletivas que estão sendo avaliadas, que podem ainda impactar, embora imaginando que seja um volume menor, mas, há que lembrar também que ainda tem o Plano Verão, que é um plano que ainda não está prescrito e há expectativa para incremento de novas ações durante 2008, sim. Estamos apurando esses números.

Sr. Aldo: Deixa eu aproveitar vocês aí em Brasília, e a pergunta do João sobre a questão das outras operacionais... outras despesas operacionais, acho que tem um impacto nessas outras despesas operacionais relativo aquilo que a gente chama das nossas “obrigações previdenciárias”, essas que a gente vem tentando... está na negociação com a Previ para, eventualmente, usar o super ágio. É isso mesmo? É lá que é contabilizado, Pedro?

Sr. Pedro: Sim, tem os ajustes atuarias, principalmente daqueles benefícios de responsabilidade exclusiva do Banco, são contabilizados aí, e também ali tem, o Gilberto está lembrando aqui, o VRN, tá, Aldo?

Sr. João Luiz: Pegando a respeito dessa linha, essa linha cresceu 254 milhões, que aliás dá exatamente 254% também, eu queria saber exatamente isso, quanto é desse reforço de provisão para essas receitas contábil que você disse e, enfim, que foi feito aquele estoque que você disse de 1.6 bi, ou seja, isso migrando para, eventualmente, migrando para a Previ, que já está adiantado, essa linha pararia de crescer e qual o tamanho dela?

Sr. Aldo: No ajuste atuarial sim, tem outro ponto que o Pedro levantou, que a gente chama de VRN, que no fundo, no fundo são despesas operacionais que a gente gasta na hora que você está fazendo um bid para adquirir um novo negócio, isso, enfim, esse aí já não tem nada a ver com Previ. Até onde eu entendo, e o Pedro pode me corrigir, se a gente, de fato, lograr sucesso nessa negociação com o Fundo de Pensão, se de fato, tudo isso no condicional, tá João, isso passar, dentro de um grande acordo, passar para o Fundo de Pensão, não haveria porque falar em ajuste atuarial mais no lado de cá, no lado do balanço do Banco.

Sr. João Luiz: Vocês poderiam me dar (inaudível 01:13:46) 354 milhões, teria como quebrar o quê que é a atualização de provisão dos aposentados e o quê que é essa outra de, enfim, de compra...

Sr. Aldo: Vocês têm isso aí em Brasília, gente?

Sr. Nilson: Tem a nota explicativa, João, aqui a nota explicativa 29B, que mostra exatamente o ajuste por conta aí dá 371, que é a deliberação da CVM, e a gente coloca, inclusive, o que foi de efeito no resultado, então, depois se você puder, até em função do adiantamento ao horário, já é quase 11h30 e a gente vai começar daqui a pouco a nossa conferência em inglês, a gente abre lá exatamente o quê que foi de despesa contabilizada para efeito da atualização atuarial dos planos de responsabilidade exclusiva do Banco, o Plano CASSI, entendeu? E aí a gente pode depois, posteriormente, explorar essa questão. Em relação ao VRN, a gente... aquilo que a gente paga para aquisição das folhas, você começa a fazer já as amortizações, e a gente tem em torno aí de 50 milhões nessa linha, por conta de amortização de VRN, que seria uma verba de relacionamento negocial para aquisição de folhas. Ok?

Sr. João Luiz: Legal, obrigado.

Sr. Nilson: Eu gostaria agora, infelizmente, quem está na fila para fazer pergunta, eu gostaria de pedir para entrar na de inglês, para a gente tentar responder, porque falta 5 minutos para a gente começar a de inglês, e para não prejudicar o andamento do dia, porque a gente ainda vai fazer um webcasting às 2 horas pela internet. Então eu gostaria de pedir para encerrar, e a gente retoma daqui a pouco, só que agora em inglês. E eventuais dúvidas, pode mandar também para o ri@bb.com.br, que a gente vai complementar as respostas.

Operadora: A teleconferência do Banco do Brasil está encerrada. Agradecemos a participação de todos e lembramos que o material utilizado nessa teleconferência está disponível no Portal BB, na página de Relações com Investidores. Obrigada pela participação e tenham um bom dia.
